

Questões sociais da mulher são problemas da sociedade moçambicana

— entrevista com a Secretária Provincial da OMM em Niassa

por Maria de Lourdes Torcato

Vivemos uma fase crítica da história do nosso País independente, e isso tem reflexos sociais. A Conferência Extraordinária da OMM sobre Problemas Sociais da Mulher, programada há bastante tempo, realiza-se em condições particulares de crise provocada pela agressão que nos é movida através do banditismo e da crise económica agravada pela seca. Estes problemas acrescentam dificuldades à tarefa que a organização se propôs. Mas ela prossegue apesar disso e o facto de os problemas serem mais agudos pode acelerar o processo de consciencialização sobre a sua génese. Porque os problemas sociais, as instituições, não existem isoladamente, são determinados pela base económica e pelas relações de produção.

Rufina Mutemba é Secretária Provincial da OMM na província de Niassa. Natural da província de Maputo, foi destacada para Niassa há cinco anos, onde trabalhou na Direcção Provincial de Educação. Fez parte do Secretariado Provincial da Organização da Mulher Moçambicana como responsável do Departamento de Educação antes de ser Secretária Provincial.

Tendo tomado parte activa na fase preparatória da Conferência Extraordinária, na sua Província, está agora em Maputo, para participar na reunião da Comissão Central Preparatória.

Rufina Mutemba é casada e mãe de três filhos, e tem 40 anos.

A primeira pergunta que lhe fizemos foi sobre a sua adaptação social e política à Província para onde foi destacada, a que muitos de nós aqui chamamos «o desconhecido Niassa».

— É verdade que o Niassa é diferente de Maputo em muitos aspectos (até ao clima), mas as condições são adaptáveis. Muitos dos hábitos são acima de tudo moçambicanos, estamos em Moçambique, há muitas coisas idênticas.

— No seu trabalho, onde encontrou mais dificuldades e problemas: nas zonas rurais ou na cidade?

— Há mais dificuldades e problemas nas cidades. Nas zonas rurais, e no que se refere ao trabalho de levantamento de problemas sociais, a dificuldade reside no facto de a tradição impedir que não se fale abertamente nem se discutam, certos problemas que estão rodeados de segredo e são tabú. Foi preciso um grande trabalho de mobilização, mas conseguiram-se resultados.

Os maiores problemas a nível global relacionam-se com a persistência da poligamia, casamentos prematuros, e ritos de iniciação. Os outros são resultado destes.

— E quais são os outros?

— O principal é o que se relaciona com o adultério que não tem reprobção social mas é fonte de «lucros» para o marido «ofendido». Os maridos contentam-se com receber uma indemnização em dinheiro. Mesmo quando a questão é levada a Tribunal Popular, o marido «ofendido» diz: «é bom que o provocador do adultério seja punido, mas a multa ou indemnização não deve ir para o Estado mas para mim!».

— Trata-se de um problema recente?

— Não, é um problema antigo e não sabemos qual é a sua raiz. Mesmo através dos debates não conseguimos descobrir qual é o fundamento (histórico, social e económico) deste problema.

Mas as pessoas sabem já, têm a noção de que não é uma maneira correcta de resolver as questões e que se deve acabar com ele.

— Sendo a população na sua maioria praticante do Islamismo, ou quando o não é, é culturalmente influenciada por ele, o Partido e a OMM alguma vez discutiram estes problemas com as autoridades religiosas?

— Não, nunca discutimos. Mas este problema do adultério existe também entre os praticantes da religião muçulmana.

A DEGRADAÇÃO DAS RELAÇÕES E VALORES FAMILIARES

Todos estes «problemas sociais» reflectem em primeiro lugar um problema que é de facto o essencial, o único preocupante: a degradação das relações e valores familiares, mesmo tradicionais.

Perguntámos a Rufina Mutemba como via ela as relações entre pais e filhos e os direitos da criança, na sociedade rural.

— Há de facto muitos casamentos prematuros porque sendo uma sociedade baseada no casamento matrilocal e na família matrilinear, é o tio materno e não o pai, o responsável pelas crianças. O tio não tem o mesmo amor que os pais (biológicos) pela criança, quer libertar-se delas e das responsabilidades que envolvem e entrega para casar. Porque é tradição, ninguém reage, nem os pais, nem os filhos. Incutiram-se nos ritos de iniciação estas noções de obediência à autoridade, a passividade, a não contestação. Mas nas cidades isso já não acontece.

Em relação a esta questão, de os casamentos prematuros e outras formas tradicionais de opressão das raparigas estarem relacionadas com a sociedade matrilinear, pensamos que não coincide com a realidade. Em Gaza a sociedade é patrilinear e fortemente patriarcal e o fenómeno dos casamentos prematuros e do lobolo é tão grave como em Niassa.

— Há diferenças na educação tradicional entre raparigas e rapazes que determine a situação de inferioridade e opressão das mulheres?

— Sim, há grandes diferenças. A menina é educada para a procriação, para ter filhos e obedecer ao marido e para a produção de alimentos; o rapaz é educado para mandar, para ser o chefe de família, para caçar, para gerir os bens produzidos e pertencentes à família.

— Pensa que o Partido e a OMM a nível da base, têm uma ideia clara da organização familiar alternativa à que existe?

— Sim, as populações exigem por exemplo uma educação sexual unificada para todos os jovens e em todo o País...

— Refiro-me não à educação mas à estrutura e organização familiar nova...

— A família nova é vista como



Rufina Mutemba, Secretária Provincial da OMM em Niassa

uma família que contribui para uma sociedade nova mas de facto não há uma ideia clara de como organizá-la.

Aqui colocase a questão do «modelo» de família que o Partido preconiza mas o qual parece não ter uma ideia precisa ou então este modelo não é aceite, por contrariar muito profundamente a família tradicional. Trata-se da família monogâmica (marido e uma única esposa) vivendo em conjunto na mesma casa com os seus filhos directos. Esta família existe já a nível das cidades, mas não é assumida como uma entidade social nova e alternativa à família tradicional, mas sim como uma espécie de «necessidade» ou fatalidade que a vida na cidade impõe. O facto é que logo que o chefe

de família ou a própria mulher, não sente a necessidade absoluta de manter esta coesão familiar, por razões de maior independência económica, liberta-se dela. O homem, ao elevar o seu nível económico e social arranja outra mulher e outro lar; a mulher liberta-se dos filhos para arranjar outro ou outros homens. Tudo isto demonstra a fragilidade que a família monogâmica ainda tem, mesmo nas zonas urbanas.

Prosseguindo na nossa conversa perguntámos à Secretária Provincial da OMM em Niassa, qual era o objectivo fundamental de toda a actividade da OMM, particularmente do que está a ser desenvolvido nesta fase preparatória da Conferência:

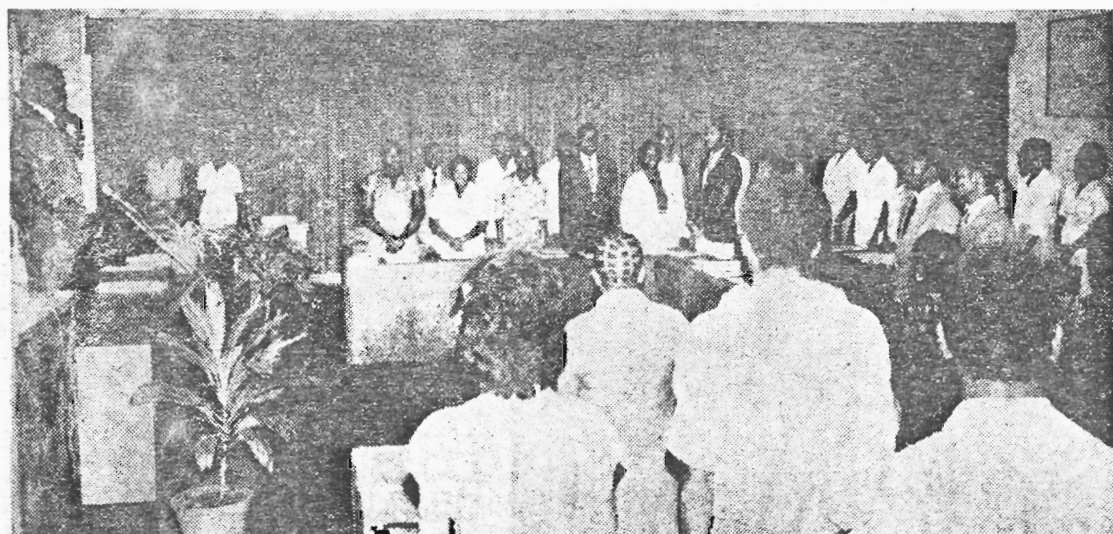
— O objectivo final é a emancipação da mulher e a finalidade da emancipação da mulher é que ela possa participar completamente na vida sócio-económica do País. Para isso ela tem de ultrapassar todos estes problemas que hoje a oprimem, a impedem de ser livre.

Mudando um pouco de assunto: as mulheres da província de Maputo que em resultado da «Operação Produção» foram para a Província de Niassa, introduziram novos problemas?

— Não há problemas. Adaptam-se bem ao trabalho nas várias unidades de produção agrícola estatais. Não têm problemas de convivência. As que foram com os maridos e filhos, organizam o seu novo lar. As outras integram-se numa família local enquanto aguardam terem a sua vida organizada. Adaptam-se muito bem.

— Qual a acção de apoio a estas mulheres?

— Quando chegam são recebidas pela OMM. Algumas vão para se juntar aos maridos e enquanto esperam, a OMM aloja-as e apoia-as até irem para o local do destino. Lá as estruturas da OMM integram-nas na organização a nível local.



Aspecto da sessão de abertura da Reunião da Comissão Central Preparatória da Conferência Extraordinária da OMM. Na presidência o Secretário do Comité Central para a Organização, Armando Panguene e a Secretária-Geral da OMM, Salomé Molane